8 CRUZEIRO

Do séc. XVI, deve datar o Pelourinho, símbolo da municipalidade, onde eram executadas as sentenças da câmara, e sendo substituído entretanto, por um cruzeiro datado por volta do ano de 1890.

Com a Revolução Liberal de 1820, foram derrubados todos os pelourinhos da Madeira, porque representavam o poder absoluto do anterior regime.

O cruzeiro, é composto por uma coluna renascentista em mármore, que deve ser uma importação ou cópia nacional de colunas italianas, assente em degraus de cantaria rija e encimada por um crucifixo, tendo no capitel as armas dos Freitas. O capitel e a cruz já devem datar dos finais do séc. XIX.

Ao que parece, esta coluna é um reaproveitamento do fuste da coluna que outrora estava ao lado da fachada axial da Igreja Matriz, lembrando o local onde se levantava a árvore que servia de suporte à cruz-padrão de Zarco, e que foi derrubado por um tufão no ano de 1889.

Do lado nascente da Praça, no início da pequena travessa da Rua do Solar da Fontinha (palacete seiscentista do que resta apenas a sua fachada maneirista com altas janelas, em cantaria, apresentando liteis de cornijas relevadas), quase passa despercebida uma porta manuelina.

9 PORTA MANUELINA

Porta dos inícios do séc. XVI, com ombreiras biseladas ao gosto da época, e com um desenho esculpido de remate de um arco conopial no lintel.

Esta porta quinhentista é um reaproveitamento, de um edifício seu coevo, inserido já num edifício do séc. XIX.

É o único exemplar manuelino da arquitetura civil doméstica que chegou aos nossos dias em Santa Cruz, existindo um exemplar em Machico e alguns no Funchal, mas também já integrados em edifícios dos séculos seguintes.

Do lado norte da Praça está situada a Igreja Matriz de Santa Cruz, devidamente orientada.

10 IGREJA MATRIZ DE SANTA CRUZ (DO SALVADOR)

Igreja erguida em princípios do séc. XVI, de estilo manuelino/tardo-gótico com planta de três naves, construída à semelhança da Sé do Funchal, sendo de provável risco do mestre Diogo Boitaca, arquiteto da Torre de Belém, do Mosteiro dos Jerónimos e das "capelas imperfeitas" do Mosteiro da Batalha. Mandada erguer por D. Manuel, com patrocínio do fidalgo João de Freitas, que foi encarregado pelos moradores de fazer as diligências necessárias para dar andamento à construção.

A igreja encontra-se orientada com portal axial de arco quebrado de três colunelos e três arquivoltas, encimado por uma rosácea dos anos 60 do séc. XX. Esta fachada, terminada em empenha de cornija côncava com esferas é rematada por cunhais em cantaria e apresenta dois pseudo-contrafortes, vazados com arcos quebrados, e que já devem datar do séc. XVIII.

A porta lateral é também ogival, com capitéis vegetalistas, virada ao terreiro do adro, este calcetado num primoroso empedrado miúdo de calhau rolado com desenhos concêntricos. No lado sul, adossa-se uma capela de corpo retangular, bem como a torre sineira de coruchéu octogonal.

A cabeceira apresenta contrafortes escalonados e dispostos obliquamente, terminando em pináculos, e rematada por platibanda com cruzes da ordem de Cristo.

O interior da igreja apresenta três naves de cinco tramos, iluminadas por frestas, de arcos quebrados em cantaria regional, com pilares hexagonais de capitéis quadrangulares, sendo os arcos extremos apoiados em mísulas torsas.

A Porta guarda-vento é encimada pelo coro-alto, que é alcançado por uma bem executada escada em caracol de madeira. O púlpito está assente numa coluna, possuindo baldaquino em madeira e apresentando uma escada em cantaria regional.

No pavimento da nave central aparece tampas sepulcrais viradas no sentido da capela-mor.

Na nave lateral, do lado do Evangelho, surge o túmulo dos Spínolas. Enquadrado por arco pleno gótico e encimado pelas armas da família, mas já sem leitura, com arca assente sobre dois leões e a Capela de S. Tiago, hoje do Santíssimo Sacramento, que se rasga em arco pleno, com colunelos de capitéis vegetalistas e rematada pelas armas da família Morais. É coberta por uma abóboda de nervuras, com chave mostrando o brasão da família.

Na nave lateral do lado da Epístola, encontra-se o altar de Nossa Senhora da Conceição, em talha azul, branca e dourada, bem como a Capela das Almas, rasgada em arco de volta perfeita, do séc. XVII.

O arco triunfal é quebrado e é ladeado por retábulos tardo-barrocos.

Na Capela-mor surde a lápide tumular de João de Freitas, de gosto flamengo, com cercadura em bronze, apresentando nos cantos os símbolos tetramórficos dos quatro evangelistas e ao centro, em losango, as armas dos Freitas. É coberta por uma abóboda de nervuras, com bocetes vegetalistas e emblemática manuelina, assentando em meias colunas torsas sobre mísulas decoradas com esferas. Na parede norte, surge um interessante portal quebrado para o acesso à sacristia, geminado de arcos polilobados com óculo no tímpano, tendo sido posto a descoberto nos anos 60 do séc. XX. Retábulo-mor trado-barroco de talha dourada e branca com camarim central. Nesta capela-mor, podemos observar as interessantes pinturas renascentistas de gosto italianizante de oficina portuguesa, da primeira metade do Séc. XVI, que pertenceram ao antigo retábulo-mor que foi desmembrado e substituído, tendo sido as pinturas deslocadas para as paredes laterias. São, no total, seis tábuas: Anunciação, Natividade, Adoração dos Reis Magos, Calvário, Ressurreição e Deposição da Cruz; fazendo parte de uma narrativa da vida de Cristo a quem a igreja era dedicada, e podem ter sido prováveis encomendas de João de Freitas.

De notar que na sacristia, aparecem vestígios de azulejos mudéjares que provavelmente foram para ali deslocados, aquando de obras de remodelação, ou provenientes do antigo Convento de Nossa Senhora da Piedade de Santa Cruz.

Em frente da fachada principal da Igreja Matriz, encontra-se o agradável Jardim Municipal, pontuado de centenários tis (Ocotea Foetens). A norte deste, está a Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz.

11 SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE SANTA CRUZ

A Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz, foi erguida em 1530, mas da sua construção primitiva, provavelmente, deve restar apenas o portal em arco quebrado, de um só colunelo e de uma só arquivolta, em cantaria cinzenta regional da Capela da Visitação (ou talvez já em neomanuelino), e do lado nascente, um tecto simples de estilo mudéjar ou já provável cópia revivalista e, ainda, alguns elementos, como lintéis manuelinos reutilizados e, recentemente, postos a descoberto. O edifício sofreu profundas obras ao longo dos séculos, apresentando hoje mais características do séc. XVII e XVIII, numa linguagem maneirista (Estilo Chão), onde se destaca as altas janelas com varandim à face, em ferro forjado do Séc. XIX, e duas interessante portas com ombreiras apilastradas articuladas com as janelas onde a cornija em ressalto corresponde às varandas em sacada com guardas de prumos de ferro. No interior, podemos encontrar um poço cisterna, no antigo jardim do tardoz e, no andar nobre, um oratório barroco.

A capela foi fundada por André Gonçalves, mercador residente na vila de Santa Cruz, em 1562. O corpo de André Gonçalves foi sepultado na Igreja Matriz, junto de Diogo Gonçalves e Beatriz Dias (de quem André havia sido escravo e posteriormente seu herdeiro). Em testamento, deixou indicações para a construção da capela: "a qual se fará no canto da casa do hospital da dita confraria onde está o balcão a qual capela terá um portão fora para o campo e o portal será em arco da maneira que é o portal da capela de João de Morais que está na Igreja do Salvador e para dentro do hospital se abrirá na parede dele e se fará um arco com grades que os enfermos vejam Deus no altar..."

A capela atual é já de finais do Séc. XVIII, e apresenta o chão com lajes em cantaria rija, possuindo algumas inscrições tumulares e que devem ser anteriores à sua reconstrução. O arco triunfal é de volta perfeita e marmoreado. O altar-mor exibe um retábulo tardo-barroco, em talha dourada e em escaiola, com uma tela central alusiva à Visitação do pintor madeirense Nicolau Ferreira, datada de 1790. Do lado do Evangelho, porta de acesso à sacristia articulada com tribuna com fasquiado de madeira, com molduras em escaiola, esquema que se repete no lado da Epístola. Por detrás do frontão de altar, encontra-se a imagem de cristo morto, que a tradição diz ter vindo do extinto Convento Franciscano de Nossa Senhora da Piedade de Santa Cruz.

Para além da capela, o imóvel possuía amplas enfermarias, uma cuidada farmácia, quartos de desinfecção e casa mortuária o que o tornava no mais importante hospital de misericórdia fora do Funchal.

Nos finais do séc. XIX, a britânica madre Mary Jane Wilson vai reabilitar a antiga misericórdia, que estava praticamente votada ao abandono e em avançado estado de degradação. Foi na Capela da Visitação, a 15 de Julho de 1891, que a madre fez a profissão de fé, fundando a congregação das irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias. Mais recentemente, ali funcionou uma Maternidade e Centro de Saúde.

O novo programa arquitectónico para ali proposto, em 2007, contemplou um Centro de Dia e um Lar da Terceira Idade do lado poente do imóvel, e do lado nascente, a Casa Paroquial. O experimentado arquiteto Victor Mestre, respeitou as preexistências do imóvel, mantendo o mais possível a estrutura do edifício, assim como as aberturas em cantaria rija regional e os tradicionais tapa-sóis das janelas. O que de mais significativo encontrou, manteve. Por vezes, procedeu à desmontagem e remontagem de cantarias, escadas, portas, madeiras e tetos. Mas não se coibiu de usar novos materiais como o cobre, o aço e o ferro galvanizado, que utiliza de uma forma funcional e expressiva em diálogo com as velhas cantarias e madeiras.

A ampliação é feita numa gramática arquitetónica atualizada, assumindo a linguagem do seu tempo sem recorrer a mimetismos ou falsos regionalismos, não confundindo assim, o fruidor. Trata-se de uma nova construção, numa linguagem neutra e silenciosa, que recupera materiais locais ou lições da arquitectura regional, como o uso das cantarias cinzentas ou dos tradicionais tapa-sóis, conseguindo deste modo uma harmonia de conjunto. As aberturas são ritmadas e, no telhado, aparece a repetição das águas-furtadas traseiras do imóvel primitivo.

O arquiteto mostra estudo, atenção e respeito pelo edifício original da Misericórdia bem como da Igreja Matriz de Santa Cruz que lhe fica em frente, vincada, ainda, por uma pequena praça vivencial a norte deste templo, que desafoga e faz respirar a Matriz, memória de um pequeno claustro.

Atravessando a ponte e seguindo ao longo da rua de S. Fernando do lado sul surge o velho Forte.

12 FORTE DE S. FERNANDO

Antiga vigia reconstruída, em meados do séc. XVIII, como pequeno forte de defesa marítima para duas bocas de fogo. Foi reedificado, em 1820, por Paulo Dias de Almeida. Apresenta planta triangular irregular, com o lado de terra ocupado pelas instalações do paiol, casa da guarda, do comandante e o lado virado ao mar, com a parada, arredondado.

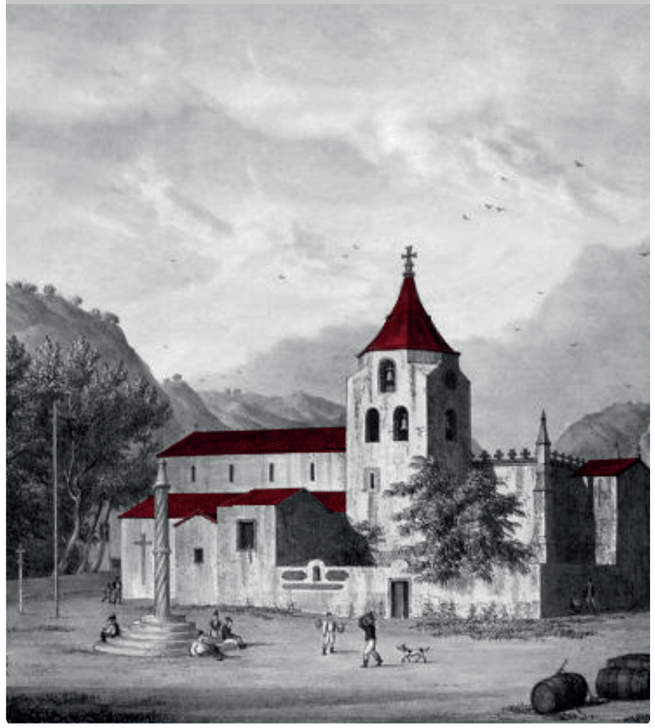
A parada é calcetada a calhau rolado e parcialmente lajeada na parte arredondada. A casa da guarda possui molduras de porta e janelas em cantaria vermelha e cinzenta regional aparente.

Este pequeno forte de defesa da vila de Santa Cruz, contra piratas e corsários, tem a sua denominação derivada de uma capela dedicada a S. Fernando, que existia nas imediações, e fazia fogo cruzado com o outro forte, de S. Francisco, que ficava situado a leste da baía de Santa Cruz.
O forte foi, nos últimos anos, ocupado pela Guarda Fiscal e, presentemente, está devoluto.

Muitos outros motivos de interesse existem nesta antiga vila de Santa Cruz os quais não se incluem nos propósitos deste pequeno roteiro. Sugerimos que, depois deste passeio cultural, regresse a uma das esplanadas da aprazível praça manuelina ou na da Rua da Praia, frente ao mar, e descontraia, desfrutando da quietude e beleza do local.

PARTILHE ESTA EXPERIÊNCIA E COLABORE NA PRESERVAÇÃO DO NOSSO PATRIMÓNIO!

MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ
PARA MAIS INFORMAÇÕES: www.cm-santacruz.pt



ROTEIRO PELO PATRIMÓNIO EDIFICADO DO CENTRO HISTÓRICO
DE SANTA CRUZ

por Emanuel Gaspar

LEGENDA
1 | Capela de Santo Amaro
2 | Quinta do Revoredo | Casa da cultura
3 | Ruínas do convento de N. Sra. da Piedade
4 | Tribunal Judicial de Santa Cruz
5 | Moinho da Rochinha
6 | Mercado Municipal de Santa Cruz
7 | Câmara Municipal de Santa Cruz
8 | Cruzeiro
9 | Porta Manuelina
10 | Igreja Matriz de Santa Cruz (do Salvador)
11 | Santa Casa da Misericórida
12 | Forte de S. Fernando

Roteiro produzido no âmbito das Comemorações dos 500 anos da Elevação de Santa Cruz a Vila
Todos os direitos reservados ®

BEM-VINDO A SANTA CRUZ!

Quando o descobridor da Madeira, João Gonçalves Zarco, passou por um "vale de formoso arvoredo", no dia 3 de Julho de 1419 ou de 1420, encontrou cedros velhos tombados pelo tempo com os quais mandou fazer uma cruz, batizando o lugar de Santa Cruz.

Em 8 de Maio de 1440 é dada a Tristão "da Ilha" a Capitania de Machico. Especifica o Infante D. Henrique, Regedor da Ordem de Cristo, que "carrego a Tristão, cavaleiro da minha Casa, da minha Ilha da Madeira de a terra desde além da Ribeira do Caniço dez passos, como vai pela Ribeira acima, e de aí atravessar a serra até à Ponta do Tristão". Portanto, a Capitania estendia-se desde a Ponta da Oliveira (no Caniço) até à Ponta de S. Lourenço e desta até à Ponta do Tristão (no Porto Moniz), que ligava depois à Ponta da Oliveira, dividindo a ilha diagonalmente. Como se compreende, por esta divisão, Santa Cruz pertencia assim à antiga Capitania de Machico.

No entanto, por rocambolescas vicissitudes várias, a administração da Capitania acaba por não ser bem sucedida chegando, os primeiros Capitães-Donatários inclusivamente a serem degradados para África e, em consequência disso, Machico acabou por não acompanhar o desenvolvimento geral da Capitania do Funchal.

Em princípios do séc. XVI Santa Cruz já ombreia com a vila de Machico, de quem dependia administrativamente, possuindo mais população e comércio, chegando mesmo a ter uma alfândega para despacho do lucrativo "trato do açúcar".

Devido à má administração de Machico pelo Capitão-Donatário Tristão Vaz, e ao crescimento de Santa Cruz, os poderosos Freitas de Santa Cruz vão pressionar o monarca a outorgar um foral para a localidade, o que de facto vai acabar por suceder em 25 de Junho de 1515, com a criação da Vila e, em 15 de Dezembro do mesmo ano, a obtenção do respetivo foral. Esta separação da Vila de Machico não vai, naturalmente, agradar ao Capitão-Donatário e aos vereadores do respetivo município que se vão opor a tal pretensão, tendo o Capitão, inclusivamente, negando-se a receber a apresentação da Carta à Câmara de Machico.

A área deste novo concelho foi desmembrada de Machico desde o Porto do Seixo até ao termo do Caniço.

Por trás desta desagregação está o influente João de Freitas que, regressado em 1511 do norte de África, onde combateu valentemente os Mouros, era escudeiro e um homem de confiança do rei D. Manuel I e por isso recebedor da Fazenda da área de Santa Cruz. É ele, efetivamente, quem vai persuadir o monarca a dar o estatuto de município à dita localidade e é, inclusivamente, nas suas próprias casas, onde é reunida a primeira vereação da vila.

Se, no primeiro ano, a nova câmara funcionou nas casas do "patrono", no ano seguinte, já funcionava em casa própria sobradada, com portal gótico de arco quebrado e janelas geminadas, edifício este que chegou aos nossos dias e onde ainda hoje funciona a edilidade.

A nova Igreja Matriz de Santa Cruz, de planta de três naves, à semelhança da Sé do Funchal é, praticamente a segunda igreja da ilha, tendo sido mandada construir por João de Freitas, em substituição da acanhada e degradada velha capela do Bom Jesus, que servia de igreja paroquial, da qual hoje apenas resta o topónimo. Em 1533 estaria totalmente pronta, quando João de Freitas teve autorização de ser sepultado na capela-mor. O seu túmulo de laje de gosto flamengo, com lâminas de bronze a orlar a tampa, pode ainda hoje ser visto na referida capela da Matriz.

Ao longo de cinco séculos a localidade foi crescendo à custa da luta das suas gentes contra a implacável natureza e isolamento do local.

Dessas lutas e das motivações subjacentes, ficaram memórias que hoje nos propomos percorrer para melhor entender e conhecer a história local. Fica aqui a sugestão de um pequeno e histórico passeio pedestre pela zona baixa de Santa Cruz.

E comecemos pela antiga Estrada Real, de quem entra para a vila do lado nascente, hoje denominada Rua Bela de S. José, referência a uma antiga capela que se situava paredes meias com a atual Capela de Santo Amaro.

1 CAPELA DE SANTO AMARO

Construída nos inícios do séc. XVI por iniciativa do povo em devoção do santo protetor das águas tumultuosas (das aluviões e do mar) tendo sido reconstruída nos inícios séc. XX.

Da construção inicial, apenas subsiste o portal quebrado em cantaria rija regional, de um só colunelo e uma arquivolta, ou pertencendo estas, talvez, a um portal neomanuelino, cópia do que então lá existiria.

A sua fachada é já de feição barroca terminando em empena de frontão curvo interrompido, assim como os remates da torre sineira.

O interior apresenta um pé direito muito alto, sinal de que estaria previsto um coro alto que não chegou a ser construído.

O retábulo-mor é de estilo tardo-barroco ou já mesmo proto-neoclássico, tripartido, branco e dourado, com nicho central emoldurado por pilastras e rematado com frontão curvo interrompido, devendo datar dos princípios do séc. XX.

Paredes meias com a referida ermida encontramos a Quinta do Revoredo/ Casa da Cultura de Santa Cruz.

2 QUINTA DO REVOREDO

Imóvel mandado construir, em 1840, pelo empreendedor comerciante inglês de vinho Madeira John Blandy, para sua residência de Verão.

Nesta casa acabou por se fixar o seu neto Charles Frederick Raleigh Blandy, que tinha especial predileção por esta vila. Nasceu no Funchal, em 1846, tendo seguido a carreira de engenheiro e efectuado o seu estágio em Glasgow (Escócia).

Em 1903 ofereceu um relógio à Câmara Municipal de Santa Cruz que foi colocado na torre da Igreja Matriz. Foi benemérito e protetor de inúmeras famílias do concelho.

Nos últimos dez anos da sua vida, dedicou-se à pintura em aguarela de paisagens naturais da Madeira de finais do séc. XIX e princípios do séc. XX, dentro do gosto do naturalismo de paisagem da época.

O imóvel foi adquirido e restaurado pela edilidade, em 1988, para servir de Casa da Cultura.

O edifício, construído em alvenaria de pedra rebocada, apresenta dois pisos e uma pequena torre, construída aquando das obras de recuperação. Todos os vãos exibem simples molduras em cantaria rija regional e as janelas possuem os característicos tapa-sóis madeirenses com vidraças de guilhotina. O chão e a escada são em madeira de casquinha original e os tetos apresentam desenhos em estuque ao gosto da época. Uma das salas possui, inclusive, uma lareira ao gosto inglês. Na fachada oeste e na do norte podem ver-se cachorros, indicação que possuía um alpendre em madeira, coberto de telha, ou uma latada para trepadeiras.

O aprazível jardim é calcetado no tradicional empedrado em calhau rolado do mar, e possui, de igual modo centenárias árvores indígenas como dragoeiros (Dracaena draco) e tis (Ocotea Foetens).

Neste espaço poderemos encontrar também alguns despojos do antigo Convento de Nossa Senhora da Piedade.

3 RUÍNAS DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Aglomerado de pedras pertencente às ruinas do Convento Franciscano de Nossa Senhora da Piedade, resultante das pioneiras escavações arqueológicas de emergência levadas acabo pelo Dr. António Aragão, em 1961, antes do seu desaparecimento, em virtude da construção do aeroporto da Madeira.

O Mosteiro, que se situava nas imediações da atual cabeceira oeste da pista do aeroporto, foi fundado em 1518 pelo abastado produtor e mercador açucareiro, o italiano Urbano Lomelino, que se estabeleceu em Santa Cruz em finais do Séc. XV. O Convento ficou concluído em 1527.

Com a extinção das ordens religiosas, em 1834, o referido convento foi paulatinamente entrando em ruína, sendo muito do seu precioso espólio distribuído pelas igrejas vizinhas de Santa Cruz, Água de Pena e Santo da Serra. Hoje, algumas dessas peças guardam-se no precioso Museu de Arte Sacra do Funchal, das quais se destaca o tríptico da Descida da Cruz, cerca de 1518-1527, uma pintura flamenga atribuída a Gerard David, que pertenceu ao altar-mor da capela do mosteiro.

Inicialmente, as ruinas foram depositadas no jardim do Museu da Quinta das Cruzes edifício este que, por coincidência, foi também residência dos padroeiros do Convento e onde, atualmente, se encontra o túmulo do fundador embutido na parede da capela, transladado do referido convento.

Em 1996, os fragmentos do mosteiro foram transferidos para os jardins da Casa da Cultura de Santa Cruz.

Alguns destes despojos foram, recentemente, remontados conjunturalmente, a oeste deste jardim, num projeto da Dr.ª Filipa Gomes.

Podemos observar pedras em cantaria regional cinzenta e vermelha, de gramática tardo-gótica/manuelina, que componham portais em ogiva, janelas, arcos quebrados, etc., de fina execução, entre bases, colunelos, capitéis, arquivoltas, etc.

Ao sair da Casa da Cultura de Santa Cruz, seguindo a rua e um pouco mais à frente, do lado norte podemos vislumbrar um imponente edifício que é atualmente o Tribunal de Santa Cruz.

4 TRIBUNAL JUDICIAL DE SANTA CRUZ

Edifício construído com o objectivo de substituir a antiga Câmara Municipal de Santa Cruz, pois o edifício quinhentista dos Paços do Concelho tinha sofrido um violento incêndio nos finais dos anos 20 do séc. XX. Foi mandado erguer pelo presidente do município, Dr. Joaquim Vasconcelos Gouveia, a expensas do povo de Santa Cruz, levando pouco tempo a ser construído, o que lhe valeu a alcunha de "edifício milagroso".

Foi inaugurado em 1932 e aí estiveram instalados os serviços camarários até 1978, ano em que estes regressaram ao anterior edifício dos Paços do Concelho, ficando, então, todo o imóvel adestro ao Tribunal da Comarca de Santa Cruz, à Polícia de Segurança Pública e à Direção de Finanças de Santa Cruz.

O imóvel apresenta uma linguagem eclética mas predominando a influência neoclássica, principalmente patente no gosto pela simetria, pelos vãos ritmados, pelas guardas das varandas com balaústres, pelo rés-do-chão revestido por um pseudo-aparelho em cimento relevado, funcionando quase como embasamento do imóvel, e pela entrada principal marcada por um portal estriado rematado por um frontão triangular.

As janelas apresentam uma gramática maneirista, com molduras de argamassa em ressalto, de altos lintéis percorridos por filetes intermédios relevados e encimados por cornijas.

O imóvel é rematado por uma cimalha curva, que é interrompida por um frontão central curvo, barroco, no qual se inscrevem as armas do município em cantaria rija regional.

Nesta fachada principal, desenha-se uma aparatosa escada cenográfica, que dá acesso à entrada principal e aos pisos nobres.

O imóvel é rodeado de belos jardins, com caminhos calcetados em calhau rolado, e onde se destacam também espécies arbóreas exóticas como jacarandás (Jacaranda mimosaefolia), sumaúmas (Ceiba Petranda), cicas (Cycas revoluta), dragoeiros (Dracaena draco) e plumérias (Plumeria).

Nas traseiras do edifício, do lado poente, subindo pela Rua do Ribeirinho, encontramos um velho moinho, mesmo junto à antiga estrada regional.

5 MOINHO DA ROCHINHA

O edifício original devia constituir-se como um dos primeiros moinhos de Santa Cruz, tendo sido construído nos inícios do séc. XVI; no entanto, o que chegou até aos nossos dias trata-se de uma reconstrução dos inícios Séc. XX. Pertencia à propriedade do Solar da Calçada S. Gil.

O moinho é coberto por um telhado de duas águas em telha de meia cana. Destacam-se as molduras das aberturas em cantaria vermelha regional, a porta e janela com postigos envidraçados, e o robusto cubo quadrangular. Foi recuperado, nos inícios dos anos 90 pela edilidade, lamentavelmente, encontra-se agora votado ao abandono.

Voltando a descer pela mesma rua, não deixe de apreciar a ribeira coberta de buganvílias (Bougainvillea) e gaitinhas (Pyrostegia venusta) numa bonita paleta colorida, e ao encontramos com a Rua da Praia podemos observar o Mercado de Santa Cruz.

6 MERCADO MUNICIPAL DE SANTA CRUZ

O edifício, projeto dos anos cinquenta mas inaugurado em 1962, é da autoria do arquiteto Luís Conceição Teixeira, sendo construído no mesmo local do antigo mercado de peixe de S. Pedro. Trata-se de um imóvel de linguagem moderna, o único edifício existente no Município neste estilo arquitectónico, que apresenta fachadas com incorporação de grelhas em betão, uma aplicação de um sistema de modelo formal muito divulgado pelo Estilo Internacional, sobretudo pelos exemplos brasileiros. O mercado está funcionalmente dividido em espaço de venda de produtos hortícolas e praça de peixe.

O imóvel possui uma característica cobertura em laje de betão em borboleta, de igual inspiração brasileira, que tira partido formal da cobertura ligeiramente inclinada para o eixo longitudinal do corpo do edifício.

No exterior do edifício, ladeando a porta principal, encontramos dois interessantes painéis cerâmicos da autoria do multifacetado e prestigiado artista António Aragão, alusivos à atividade piscatória e à faina agrícola, datados de 1962. Trata-se de uma composição modernista, com estilização e geometrização dos corpos e da paisagem, que enaltece a realidade não pela cópia mas pela livre recriação.

No interior, existem uns painéis pictóricos da autoria da pintora Teresa Brazão, dos anos oitenta, referentes a cenas do mercado.

Saindo do mercado e seguindo ao longo da Rua da Praia, para poente, até encontrar a Rua Conselheiro Alfredo C. Oliveira, suba por esta rua e vá apreciando algumas janelas de sacada maneiristas que subsistem, com molduras em cantaria de altos lintéis com cornija salientes, até desembocar na bonita Praça Dr. João Abel de Freitas. Nesse preciso lugar, do lado sul do largo, encontra a Câmara Municipal de Santa Cruz.

7 CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ

O edifício dos Paços do Concelho foi adquirido, por João de Freitas a um fidalgo cavaleiro para aí ser instalado, logo em 1516, as dependências administrativas da nova vila criada um ano antes.

O imóvel deve ter sofrido melhorias, nomeadamente o aumento de um andar sobradado, devendo datar dessa altura a porta em arco quebrado, de dois colunelos e duas arquivoltas, rematado pelas armas reais de D. Manuel, assim como as janelas maineladas, de apenas um só colunelo e uma arquivolta devendo, provavelmente, os mainéis datarem dos anos 70 do séc. XX.

O resto do corpo nascente dos Paços do Concelho, adossado ao anterior, é já um aumento dos anos 70 do séc. XX, de autoria do arquiteto Luís da Conceição Teixeira e que se filia na linguagem dos edifícios de representação do Estado Novo. Corpo austero, onde sobressai o revestimento de alguns panos em cantaria cinzenta regional, destacando-se a varanda de balanço com balaustrada, tudo no mesmo material de cantaria rija.

No interior, é de destacar no primeiro patamar da escada, uma pintura alusiva às atividades económicas e culturais do Concelho de autoria de Teresa Brazão, o tecto em masseira do Salão Nobre, e a heráldica régia manuelina, que outrora estava colocada no centro do teto e que agora está presente numa parede lateral.

De referir que, em 1928, os Paços do Concelho sofreram um violento incêndio, causado por uma ignição que houve no edifício contíguo que era um armazém de pipas de aguardente, perdendo-se toda a preciosa documentação camarária que nos dias de hoje seria imprescindível para se poder completar a História do Município.

No centro da bela praça manuelina, calcetada num primoroso empedrado de calhau rolado miúdo, digno de registo, está o cruzeiro.